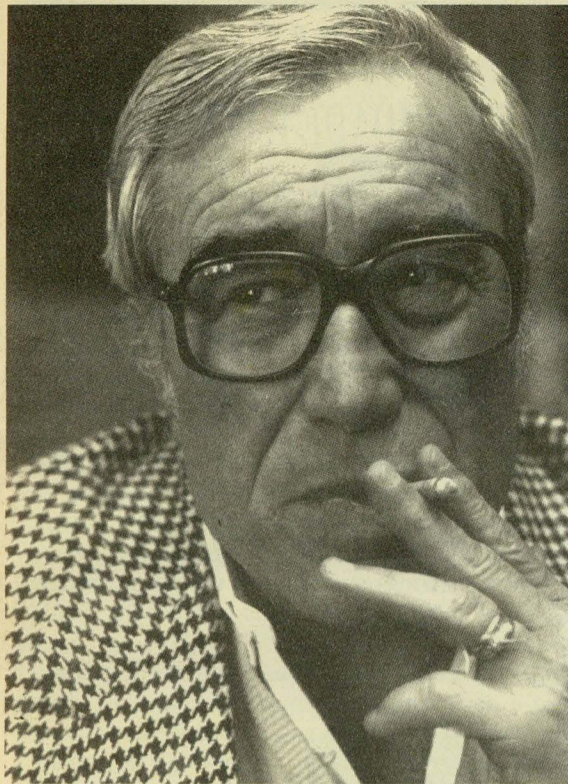
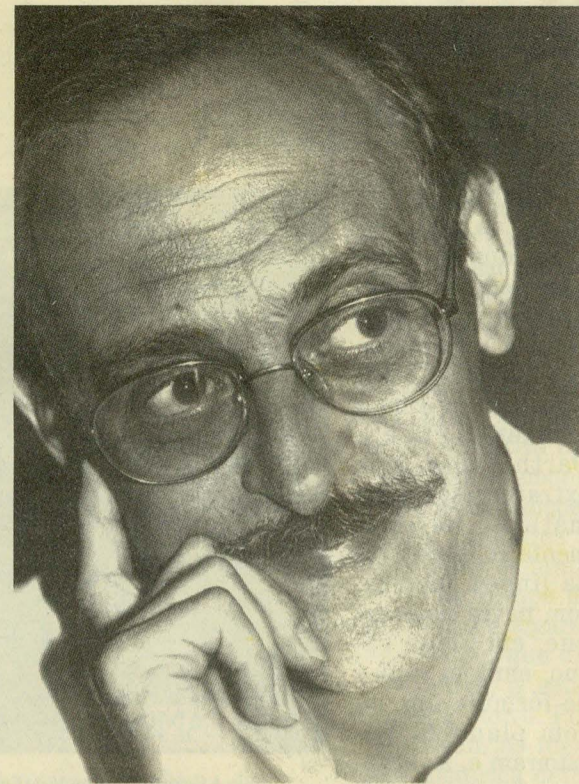


FOTOGRAFIAS LUIS RAMOS



José Cardoso Pires

O MERIDIANO TABUCCHI E A NAVEGAÇÃO DAS LETRAS



Antonio Tabucchi

"O jogo começou assim, como se estivéssemos num livro de Camilla".

Tabucchi, "Pequenos Equívocos Sem Importância"

Na última visita de Antonio Tabucchi aos amigos de Lisboa encontrámo-nos num restaurante em Belém. Realmente, nem de propósito: Tabucchi, o investigador de Pessoa, a dois passos do panteão onde repousa o Poeta; Tabucchi, o viajante de meridianos privados, diante

do cais dos navegadores que transformaram o universo mágico da Maçã Celeste no planeta de coordenadas científicas que habitamos. Nem de propósito, pensei.

Mas em literatura os acasos e as ilações são quase sempre as referências mais significativas — muito em especial num narrador de largo risco como Tabucchi, apostado em trazer do imaginário as vozes e os caprichos que tornam mais contemporânea a nossa realidade. Falo de acasos, de poetas e de navegadores porque raros ficcionistas dos nossos dias suberam, como Tabucchi, fazer da Poesia personagem; raros, também, conseguiram

navegar com tal fortuna por "espaços confidenciais e de geometria ignorada", já que foi assim que ele (nos "Voláteis do Beato Angélico") definiu um dia a sua geografia.

"Tenho grande afeição aos livros de viagens", previne Tabucchi à entrada de "Porto Pim", antes de nos mostrar as baleias luminosas, mães de Jonas. E pelos outros livros fora a marcha errante não se detém, percorre a História e as cidades. Espanhas, Índias, Itálias... Portugal aqui, Casablanca a sul. Açores dos baleeiros esquecidos, gares da Riviera, paraísos celestes. Não é evidentemente por acaso que, numa certa narrativa "ao fio do horizonte", o lugar eleito é o cais e o jornal corrente a Gazzetta del Mare.

O que faz correr Tabucchi por tantos portos, tantas memórias escritas, tantas conjecturas? A procura do espírito do lugar? Sim, acho que sim. Descobre-o porque o põe em causa, revestindo-o de universalidade pelo diálogo cultural onde o passado se faz contemporâneo do presente. Aqui, a paisagem conversa com os mitos e com os personagens maiores da artes e da escrita, aqueles que deram espírito aos lugares precisamente: Pessoa, em directo ou a vários desdobramentos; Francis Scott Fitzgerald e a sua esposa voraz; Antero, Goya, Pirandello...

O mais surpreendente é que desta aventura feliz não resulta uma literatura sobre literatura, aqui a autonomia criativa é demasiado personalizada para que tal coisa pudesse acontecer. Não, nem pensar. Resulta, sim, e de maneira inesquecível, que a Arte se pode ilustrar com a Arte para depurar ainda mais as imagens e o espírito do Real que ela antes tinha depurado em sucessivas representações. E tudo isso é traçado por sortilégios de tempo e espaço: Exacto, espaço e tempo: sortilégios. Na carta de marear de Tabucchi os meridianos justapõem-se. Isso talvez porque, nas suas próprias palavras, "as coisas fora do sítio" sempre exerceram sobre ele "uma atracção irresistível."

Nautica de rumo e de estima — já lá diziam os antigos. E realmente, a mim o que me apetece dizer é isso mesmo quando sigo a trajectória das suas narrativas. Todo o percurso é feito num interrogar de

sinais e de memórias, de nuvens cegas, de vozes, fumos, prenúncios. "Naufrágios, destroços e afastamentos", citou Tabucchi, já não sei onde, como referências essenciais dos seus livros. "Navega" confesadamente "em espaços confidenciais e de geometria ignota". "Navega", o termo é dele, vem nos "Voláteis do Beato Angélico", mas ao classificar os seus textos é menos frontal e murmura discretamente: "extravagâncias".

Extravagâncias? A gente sabe que não. Que definir assim estórias tão meditadas e tão atingidas é uma displicência aparente, um ardid ao leitor ou, em derradeira opção, um jogo, quem sabe?, de desafio.

E chego ao termo exacto: jogo, prazer e aventura em conjecturar confrontos em novas relações dos valores estabelecidos. Para mim, todos os livros de Tabucchi são paradas de risco e de palpite, encartes do real com o imaginário, trunfos de dupla face passado/presente, a cultura e a realidade existencial a conduzirem cada lance.

De resto, conceber, como ele concebeu, a história de "Uma História Que Não Existe" não será, desde logo, o enunciado do jogo de toda a ficção? E Tabucchi-Xavier a escrever a Tabucchi-Antonio no "Nocturno Indiano", que é isso senão um outro "Jogo do Reverso"? E alguém que, em plena encenação teatral se faz passar por Fernando Pessoa a telefonar a Pirandello? E D. Sebastião escrevendo a Goya com dois séculos de permeio?

Jogo. Sinto-me bem a ler Tabucchi, sempre me senti, porque ele tem mão afortunada para abrir uma novela com o aviso de que ela "pode disparar como um pequeno jogo secreto" e para a levar a seguir até ao limite de nos dar a conhecer "Vozes Trazidas por Alguma Coisa Impossível de Dizer Que Coisa".

Chega. Fecho o baralho. Estive a falar de viagem e de jogo com Fernando Pessoa pelo meio — o Pessoa que de jogo sabia horóscopos e poesia a vários rostos e para quem viajar era perder países, dizia ele. Que o poeta me perdoe, paciência.

Quanto a Antonio Tabucchi nada a re-crear porque o Pessoa para sempre lhe está devedor pela presença viva que lhe deu em todos os lugares das suas navegações. ■

JÁ À VENDA NAS LIVRARIAS

RISCO

FILOSOFIA E POLÍTICA
Bertrand Russell

▼

PARA ALÉM DE
MARX E TAYLOR
Jacques Julliard

▼

SOBRE A EDUCAÇÃO
António Barreto

N.º 14 - VERÃO DE 1990 - 750.00